



Boletim Paroquial

Nossa Senhora da Penha de França

março 2025, nº3

ANO SANTO – A ESPERANÇA NÃO ENGANA

5. REZAR O TERÇO EM GRUPO



A oração pode ser feita individualmente, ou coletivamente, sendo certo que Jesus nos disse que onde estiverem dois, ou mais, reunidos em meu nome, Eu estarei presente.

Quando tinha 27 anos (há muito tempo, portanto), fui a pé a Fátima com umas Equipas Jovens de Nossa Senhora (EJNS). Depois do primeiro dia de caminhada, pediram-me para falar ao grupo sobre oração. Por uma questão de coerência, pedi a uma amiga que rezasse, enquanto eu falava. Depois, sem imaginar a semente que se tinha lançado, lá continuámos até Fátima, com a alegria contagiante que só os jovens conseguem ter. Uma semana depois de voltarmos, convidaram-me para um jantar com aquelas equipas e anunciaram-me que tinham criado um grupo de oração, para rezar o terço. Foi algo impressionante, o que se passou a seguir. Uma vez por semana, durante mais de dez anos, aquele grupo de oração juntava cerca de duzentos pessoas, na capela das amoreiras, para rezar o terço.

Porquê o terço? Uma vez perguntaram que sentido tinha repetir cinquenta vezes a mesma oração. Nunca mais esqueci a resposta: 'quando era pequeno e queria que a mãe desse qualquer coisa, dizia-lhe, oh mãe dê lá; vá lá, mãe; por favor, mãe; só desta vez, mãe; depois não digo mais nada, mãe... De tanto insistir, muitas vezes a mãe rematava: pronto! Toma lá. Só para não te ouvir mais...' Assim é com a repetição da Ave Maria no terço. Mãe é mãe. Só mesmo quando é mau para nós é que não dá. De resto, é uma questão de persistência.

Independentemente destas estórias curiosas, a verdade é que a Nossa Senhora, em Fátima, pediu, várias vezes: 'rezem o terço todos os dias para alcançar a paz no mundo e pela conversão dos pecadores.'

O terço é uma oração poderosíssima e, quando rezado em família, na paróquia, num grupo de amigos, com frequência, provoca mudanças profundas, nos nossos corações (vontade), na nossa comunidade e, porque todos estamos ligados na comunhão dos santos, o mundo melhora.

É importante rezar com o coração, ou seja, dispormo-nos a dedicar aquele tempo com a intenção de nos ligarmos a Deus. Por isso, vale a pena estarmos fisicamente confortáveis - sentados, de joelhos, de pé, não importa, desde que a nossa mente esteja direcionada para Deus e não, focada na postura. O mesmo se diga quanto à envolvente. Se houver ruído, movimento, distrações, dificilmente o pensamento se vai centrar na oração. Vale a pena fechar os olhos, porque a mente é como uma borboleta que voa sem parar. Concentremo-nos nas palavras que dissermos e no significado de cada uma. Para isso, rezar devagar pode ajudar. Não é preciso gritar a oração, porque Deus ouve os nossos corações e as nossas vozes são também motivo de distração para os outros. Procurem rezar todos com o mesmo tom de voz e ao mesmo tempo, para que nenhuma sobressaia. Acreditem que Deus está connosco, quando rezamos, sintam-No, falem com Ele, pensem n'Ele, aproveitem o silêncio e deixem-se inundar pelo Seu amor. Verão que a experiência da oração se torna gratificante.

Preparar pequenas meditações, uma frase, uma breve passagem dos evangelhos, entre cada dezena, para refletirmos sobre a vida de Jesus. Lembrem-se que os mistérios do rosário são sobre a Sua vida. Mas não vale a pena esticar muito. Pelo menos no princípio, se a oração for muito longa, cansa e acabamos por aproveitar pouco. É melhor dar passos pequenos, mas seguros.

Por fim, cantar é rezar duas vezes. Intercalar as dezenas do terço com músicas simples, cantadas sem gritos, sem destaques, talvez com uma viola a acompanhar, para embelezar o momento, com a intenção de cantar para Deus, para a Nossa Senhora e sempre, para nos ajudar a aumentar a concentração na oração. Somos nós que precisamos de ser ajudados, criando as melhores condições, para ficarmos disponíveis, depois verão que Deus fará o resto.

Por Luís Barosa

DOCTRINA – CREIO EM DEUS, PAI OMNIPOTENTE, CRIADOR DO CÉU E DA TERRA



<https://pixabay.com/pt/illustrations/o-criador-deus-cria%C3%A7%C3%A3o-terra-602533/>

36. Porque é que a profissão de fé começa com «Creio em Deus»? 198-199

Porque a afirmação «Creio em Deus» é a mais importante, a fonte das outras verdades respeitantes ao homem, ao mundo e à nossa vida de crentes n'Ele.

37. Porque professamos um só Deus? 200-202; 228

Porque Ele se revelou ao povo de Israel como o Único, quando disse: «Escuta Israel, o Senhor é um só» (Dt 6,4), «não há outros» (Is 45,22). O próprio Jesus o confirmou: Deus é «o único Senhor» (Mc 12,29). Professar que Jesus e o Espírito Santo são também eles Deus e Senhor, não introduz nenhuma divisão no Deus Uno.

38. Com que nome Deus se revela? 203-205; 230-231

Deus revela-se a Moisés como o Deus vivo, «o Deus de Abraão, o Deus de Isaac, o Deus de Jacob» (Ex 3,6). Ao mesmo Moisés, Deus revela também o seu nome misterioso: «Eu Sou aquele que Sou (YHWH)». O nome inefável de Deus, já nos tempos do Antigo Testamento, foi substituído pela palavra *Senhor*. Assim, no Novo Testamento, Jesus, chamado *Senhor*, aparece como verdadeiro Deus.

39. Só Deus «é»? 212-213

Enquanto as criaturas receberam d'Ele tudo o que são e têm, só Deus é em si mesmo a plenitude do ser e de

toda a perfeição. Ele é «Aquele que é», sem origem e sem fim. Jesus revela que também Ele é portador do nome divino: «Eu sou» (Jo 8, 28).

40. Porque é importante a revelação do nome de Deus? 206-213

Ao revelar o seu Nome, Deus dá a conhecer as riquezas do seu mistério inefável: só Ele é, desde sempre e para sempre, Aquele que transcende o mundo e a história. Foi Ele que fez o céu e a terra. Ele é o Deus fiel, sempre próximo do seu povo para o salvar. É o Santo por excelência, «rico de misericórdia» (Ef 2,4), sempre pronto a perdoar. É o Ser espiritual, transcendente, onipotente, eterno, pessoal, perfeito. É verdade e amor.

«Deus é o ser infinitamente perfeito que é a Santíssima Trindade» (S. Turíbio de Mongrovejo).

41. Em que sentido Deus é a verdade? 214-217; 231

Deus é a própria Verdade e como tal não se engana e não pode enganar. Ele «é luz e n'Ele não há trevas» (1 Jo 1,5). O Filho eterno de Deus, Sabedoria encarnada, foi enviado ao mundo «para dar testemunho da Verdade» (Jo 18, 37).

42. De que maneira Deus revela que é amor? 218-221

Deus revela-se a Israel como Aquele que tem um amor mais forte que o pai ou a mãe pelos seus filhos ou o

esposo pela sua esposa. Ele, em Si mesmo, «é amor» (1 Jo 4,8.16), que se dá completa e gratuitamente, «que tanto amou o mundo que lhe deu o seu próprio Filho unigénito, para que o mundo seja salvo por seu intermédio» (Jo 3,16-17). Enviando o seu Filho e o Espírito Santo, Deus revela que Ele próprio é eterna permuta de amor.



(os números indicados depois das questões remetem para os pontos do catecismo da Igreja Católica onde estes pontos são apresentados)

Fonte:

https://www.vatican.va/archive/compendium_ccc/documents/archive_2005_compendium-ccc_po.html

ACONTECE NA PARÓQUIA

- No dia 7 de fevereiro realizou-se a Festa dos Fados dinamizada pelos jovens das 3 paróquias. Foi uma noite repleta de momentos incríveis e em que pudemos ajudar os jovens a estar um passo mais próximo do jubileu a Roma de 2025.

- No dia 22 de fevereiro realizou-se a 11.ª Festa das Sopas do agrupamento 42 Penha de França.

- No dia 26 de fevereiro, Hora Santa - tempo de silêncio e meditação para rezar e adorar, com o tema Oração pelo Papa.

SÃO JOÃO DE DEUS

Dia 08 de março



Sabemos que o caminho que leva ao Senhor, às vezes, é muito tortuoso. Foi o caso de João de Deus, nascido em Évora, Portugal, em 1495 e batizado com o nome de João Cidade. Ele saiu de casa aos oito anos de idade para seguir um clérigo, por demonstrar uma vocação bastante precoce.

Ao chegar a Oropesa, na Espanha, João morou com uma família de pastores até aos 27 anos; depois, alistou-se no Exército e combateu pelo menos duas batalhas importantes em Pavia e em Viena, invadidas pelos Turcos. Mais tarde, enquanto tinha dinheiro, viajou por todo o continente europeu até chegar a África. A seguir, retornou à Espanha e instalou-se em Granada, onde abriu uma livraria. Entre todos os empregos que teve até então, o de ser livreiro foi o que mais gostou: apaixonou-se logo pelos livros, que os considerou também como uma ajuda para a oração e a fé, sobretudo aqueles com imagens sagradas.

Certo dia, em Granada, João ouviu um sermão do místico João de Ávila que no Espírito Santo, suscitou a conversão radical de João.

Do encontro com Cristo, começou sua maior aventura, que consistiu em construir com Cristo uma história de santidade. Renunciou a si mesmo, assumiu a cruz e colocou-se radicalmente nos caminhos de Jesus. Começou a sair pelas ruas pedindo esmolas para os pobres, utilizando uma fórmula especial em três palavras: "Façam o bem, irmãos", exortando os outros

a fazerem o bem ao próximo, mas também a si mesmos. Ao mesmo tempo, começou, igualmente, a praticar formas tão clamorosas de penitência, que o levaram a ser preso e a acabar num manicômio. Ali, João descobriu os últimos entre os doentes, trancados por suas famílias para se esconder e se livrar deles. Além do mais, tocou com as mãos os métodos com os quais eram curados, quase como verdadeiras torturas. Assim, entendeu que deveria fazer algo por aqueles irmãos mais infelizes e diante do tratamento desumano que davam aos pobres e doentes mentais, o Senhor suscitou no coração de João o carisma para lidar com os doentes na caridade e gratuidade.

Quando terminou a sua experiência no manicômio, João foi ter com o Bispo, diante do qual se comprometeu em viver pelos que sofriam e acolher os que quisessem fazer a mesma coisa. A Providência deu-lhe dois confrades: todos os três usaram um pobre saio, com uma cruz vermelha, fundando assim, em 1540, o primeiro núcleo da Congregação dos Irmãos da Misericórdia. Mas, João queria ir mais além. Apesar de não ter noções de medicina, estava ciente de que devia tratar dos doentes de modo novo, ou seja, ouvindo-os e satisfazendo as suas necessidades de diversas maneiras. Desta forma, conseguiu fundar um primeiro hospital, em Granada e, depois, em Toledo, dedicando-se, ao mesmo tempo, aos órfãos, prostitutas e desempregados.

João faleceu aos 55 anos, em 1550, enquanto rezava de joelhos e apertava ao peito um crucifixo. Ele não deixou nenhuma Regra escrita, mas a sua obra de caridade já estava bem encaminhada e seus irmãos continuavam inspirados por ele. Quarenta e cinco anos mais tarde, seus ensinamentos foram codificados na Regra concernente à nova Ordem hospitaleira de São João de Deus.

São João de Deus foi canonizado em 1609 e proclamado Padroeiro dos enfermos e dos hospitais.

Fonte: Vatican News
Por Jorge Neves

NO MÊS DE MARÇO DESTACAMOS

Oficina de Oração e Vida, na igreja de São Francisco de Assis, às 18h30. Os encontros são semanais, à 3ª feira.

2 de março – Terço, às 18h00, organizada pela Irmandade de N.ª Sr.ª da Penha de França e São João Baptista.

5 de março – Quarta-Feira de Cinzas – Celebração das Cinzas, às 11h30, no Centro social e às 19h30, na Igreja.

9 de março – Reunião da Confraria de N.ª Sr.ª do Carmo, às 17h00.

14 de março – Vigília de adoração organizada pelos jovens, às 21h00, na Igreja de São Francisco de Assis, para angariarem fundos para a peregrinação a Roma.

18 de março – Celebração penitencial de preparação para a peregrinação jubilar paroquial.

21 de março – Jejum comunitário, às 20h00.

23 de março – Peregrinação jubilar paroquial à Sé de Lisboa, no âmbito do Jubileu 2025. Saída da Igreja de N.ª Sr.ª da Penha de França às 14h20, em direção ao ponto de encontro na igreja da Graça às 14h45.

26 de março – Hora Santa - tempo de silêncio e meditação para rezar e adorar, com o tema: Oração pelo Papa, às 21h30.

29 de março – Almoço solidário, às 12h30, no salão paroquial, custo 12,5€/pessoa. Inscreva-se até dia 24 de março.

Obras da Igreja – Graças a Deus o pagamento das obras feitas na Igreja está bastante bem avançado, mas ainda assim falta pagar a tranche que o Patriarcado nos emprestou. Toda a ajuda é muito bem-vinda.

IBAN DA PARÓQUIA:

PT50 0018 0000 0069 1811 0014 2
--

O Padre Alfredo Atende às terças e sextas-feiras e Padre Bartolomeu atende às quartas e quintas-feiras ambos a partir das 16h00.

A **Cáritas Paroquial** recebe quem precisa de ajuda, às quartas-feiras, das 17h30 às 19h00.

Peregrinos da esperança

«E Ele, levantando-Se, repreendeu severamente o vento e disse ao mar: “Cala-te! Fica quieto.” O vento amainou e fez-se grande bonança.»

(Mc 4,39)

16. É verdade que, no nosso tempo, encontramos muitas luzes, mas também muitas trevas que nos fazem duvidar e ter medo. Precisamente por isso, torna-se necessário que no coração de cada cristão se renove a virtude da esperança: «Precisamos muito dela [da esperança] nesta época que parece obscura, na qual às vezes nos sentimos perdidos diante do mal e da violência que nos circundam, perante a dor de tantos nossos irmãos. É necessária a esperança! Sentimo-nos confusos e até um pouco desanimados, porque nos descobrimos impotentes e temos a impressão que esta obscuridade nunca acaba.»¹⁵ Fazemos a experiência concreta de estar no meio da tempestade. Contudo, como os Apóstolos, é precisamente no meio da tempestade que redescobrimos que o Senhor segue conosco na barca. No meio do medo e da aflição, descobrimos que, afinal, nunca estamos realmente sozinhos. O Senhor dá-nos confiança, acompanha-nos com a Sua presença e com o Seu amor.

17. No meio de um mundo tantas vezes carente de paz e de segurança, aumentam constantemente o número de peregrinos e peregrinações, a Fátima, a Santiago de Compostela e a outros santuários. O sentido fundamental da peregrinação encontra-se na esperança. Fazer uma peregrinação é uma metáfora da vida cristã: começamos onde e como estamos e partimos rumo a uma meta, a um destino, a um objetivo. Diz-se muitas vezes nas peregrinações, sobretudo a Santiago de Compostela: «Caminhante, não há caminho. O caminho faz-se andando.»¹⁶ É necessário que nos ponhamos *a caminho*, pois não basta saber que há Céu e Vida eterna. É preciso que a nossa vida se transforme em função desse objetivo. Somos peregrinos não de uma ideia ou de uma boa intenção, mas somos peregrinos em Cristo – caminho, verdade e vida – ao encontro de Deus. Na celebração anual do

Natal, evocamos o mistério do Deus que, não só Se faz próximo do ser humano, mas faz-Se um de nós, «para que, contemplando a Deus visível aos nossos olhos, sejamos arrebatados no amor do que é invisível»¹⁷. Assim, iniciando o Jubileu 2025 na Noite de Natal, somos convidados a recordar que a esperança, que vivemos enquanto cristãos, Se fez carne: «Quando falamos de esperança, referimo-nos muitas vezes àquilo que não está no poder do homem e que não é visível. Com efeito, o que esperamos vai além das nossas forças e do nosso olhar. Mas o Natal de Cristo, inaugurando a redenção, fala-nos de uma esperança diferente, de uma esperança confiável, visível e compreensível, porque fundada em Deus. Ele entra no mundo e dá-nos a força de caminhar com Ele: Deus, em Jesus, caminha ao nosso lado e dentro de nós, caminhar com Ele rumo à plenitude da vida dá-nos a força de viver o presente de maneira nova, criativa, jubilosa, embora difícil. Então, para o cristão viver a esperança significa ter a certeza de estar a caminho com Cristo rumo ao Pai que nos espera. A esperança nunca está parada, a esperança está sempre a caminho e leva-nos a caminhar. Esta esperança, que o Menino de Belém nos confere, oferece uma meta, um destino bom para o presente, a salvação à Humanidade, a bem-aventurança a quantos confiam em Deus misericordioso.»¹⁸

18. O Natal é precedido pelo Advento, que é o tempo litúrgico da esperança, por excelência. As figuras bíblicas que acompanham este tempo litúrgico são sinais eloquentes da vida teológica. Em primeiro lugar, no Antigo Testamento, o profeta Isaías: ele experimentou de forma especial a proximidade com Deus e sentiu a purificação necessária para se aproximar da missão confiada por Deus (cf. Is 6,4-8). Em segundo lugar, João Batista, o Precursor: que aponta a urgência de ter o coração preparado para receber o Messias. No anúncio do Batista, a urgência é a conversão, a mudança de vida, a disposição de vida e de coração para acolher Jesus Cristo (cf. Mt 3,7-12). Em terceiro lugar, o símbolo por excelência da esperança cristã, a Virgem Maria, a Mãe e Senhora da Esperança. Em especial, no título da Senhora do Ó cruza-se a expectativa humana – pelo nascimento da criança – com a esperança teológica – a realização das promessas do Antigo Testamento –, em que o Deus

¹⁵ Papa Francisco, Audiência geral, 7 de dezembro de 2016.

¹⁶ Machado, A. *Caminhante, no hay camino*.

¹⁷ *Missal Romano, Prefácio I do Natal*.

¹⁸ Papa Francisco, Audiência geral, 21 de dezembro de 2016.

próximo é o Deus que se faz bebê, pequeno, frágil e simples (cf. Lc 1,26-38).

19. A Quaresma é iluminada pela esperança da Páscoa. Atravessamos o deserto como Povo de Deus, que deixa para trás a escravidão e sabe-se chamado à vida de comunhão com Deus. No caminho de libertação do Povo de Deus, experimenta-se – sobretudo na experiência do Sinai – que o Deus que chama à liberdade é o próprio Deus que liberta. No entanto, a libertação a que o seu Povo é chamado a experimentar e a viver não é apenas de ordem jurídica ou territorial, mas é também uma libertação que passa pela conversão do coração – com o dom dos Mandamentos – e pela santificação do Povo, especialmente marcada no dom do culto ritual e do apelo à santidade. A esperança que envolve o Povo que faz a peregrinação quaresmal é a santidade de Deus. Este é um tempo em que se intensificam as práticas penitenciais. Estas, porém, não se esgotam em si mesmas, como se fossem uma «cosmética espiritual», mas apontam para a comunhão, para a relação com Deus e com os irmãos, para a entrada na Terra Prometida, que é a vida divina do próprio Jesus Cristo.

20. Reza a liturgia na Solenidade da Ascensão do Senhor: «Ele não abandonou a nossa condição humana, mas, subindo aos céus, como nossa cabeça e primogénito, deu-nos a esperança de irmos um dia ao seu encontro, como membros do seu Corpo, para nos unir à sua glória imortal.»¹⁹ Na Páscoa celebra-se a esperança cristã, porque a morte não é o fim da vida humana. A realidade mais tenebrosa que ensombra a vida deixa de ter domínio sobre Cristo e sobre aqueles que a Ele estão unidos. Por consequência, a Cabeça, que já está na comunhão divina, para aí nos transporta no seu Corpo, que é a Igreja. Esta passagem da morte à vida, do pecado à graça, é o ritmo e o estilo da esperança autenticamente cristã. É preciso redescobrir a Páscoa como tempo de esperança, como afirma com assertividade o Papa Francisco: «Aqui está a Páscoa de Cristo, aqui está a força de Deus: a vitória da vida sobre a morte, o triunfo da luz sobre as trevas, o renascimento da esperança por entre os escombros do fracasso. Foi o Senhor, o Deus do impossível, que, para sempre, rolou a pedra para o lado e começou a abrir os nossos corações, a fim de não acabar a esperança. Por isso devemos também nós elevar os olhos para Ele.»²⁰

Reativar lugares de esperança

«Depois disse-lhes: “Porque estais assustados? Ainda não tendes fé?” Sentiram um grande temor e diziam uns aos outros: “Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?”»

(Mc 4,40-41)

21. A palavra evangélica que nos tem conduzido ao longo desta carta confronta-nos ainda com a forma como Jesus nos encontra na nossa situação concreta. A esperança não é uma ideia abstrata, mas implica sempre a necessidade de encarnar, precisa de ocupar os lugares humanos, de abrir processos de evangelização, de alargar horizontes de santidade. Deste modo, há determinados âmbitos em que, de forma especial, se pode viver e aprofundar a esperança. Quero convidar todos a assumir, de forma nova, os desafios destes lugares de esperança. Quero propor-vos alguns, sem esquecer aqueles que o Papa Francisco indica na Bula *Spes non confundit*²¹, nem aqueles outros que o Papa Bento XVI evocava na Encíclica *Spe Salvi*²².

22. O primeiríssimo lugar em que se concretiza a esperança é na família. Cada nova família é fruto de outras famílias que a precederam e semente de novas famílias que prolongam o sacramento do amor de Deus no mundo. A família constitui-se, assim, numa «Escola de Esperança». A família que é, em primeiro lugar, uma realidade natural, foi santificada e elevada à dignidade sobrenatural pela Encarnação. Celebrar os 2025 anos do nascimento de Jesus Cristo numa família concreta, deve ser um convite a reviver a realidade familiar como lugar de encontro com Deus. Especialmente na sociedade em que vivemos, em que o anonimato e a subjugação aos grandes sistemas sociais, políticos e económicos tantas vezes imperam, é necessário voltar a recordar que a célula básica da sociedade é a família. É, ela própria, a sociedade que surge pela vontade de duas pessoas, homem e mulher, que se entregam mutuamente e se comprometem a realizar um caminho juntos e fecundo de vida e amor, até que a morte os separe. Jesus Cristo está no meio das nossas famílias, quando estas se reúnem em seu nome; quando a oração é o porto de abrigo e de verdadeira revisão da vida familiar; quando se apresentam a Deus as súplicas que traduzem as preocupações de cada membro da família. Importa

¹⁹ *Missal Romano*, Prefácio da Ascensão I.

²⁰ Papa Francisco, *Homilia*, 30 de março de 2024.

²¹ Papa Francisco, Bula *Spes non confundit*, n.ºs 7-15.

²² Bento XVI, Encíclica *Spe Salvi*, n.ºs 32-48.

nunca esquecer que a «família que reza unida permanece unida»²³.

23. Na família e nas comunidades cristãs edifica-se o segundo lugar da esperança que quero sublinhar: a iniciação cristã. A sua porta de entrada é o anúncio cristão, a pregação do Evangelho. Sem anúncio daquilo que é fulcral na fé cristã, ou seja, sem o *kerygma*, a Igreja torna-se apenas mais uma instituição no meio de outras instituições humanas. Na missão da evangelização encontramos a índole propriamente sobrenatural da Igreja e a razão da sua existência. Desta evangelização nasce a conversão. Esta não se pode reduzir apenas a uma conversão moral, mas àquela conversão que é a experiência da intimidade de Deus, que oferece ao ser humano uma realidade totalmente nova e um novo horizonte: «Ao início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, desta forma, o rumo decisivo»²⁴. Aliás, sem o primado da graça – que é Deus em nós – não faz sentido a conversão moral, que se tornaria apenas um moralismo, uma adequação do comportamento a uma norma, desprovida de todo o conteúdo e sentido. Deste modo, a iniciação cristã é sempre um convite a mergulhar na vida divina.

24. Um terceiro lugar de esperança é a realidade pastoral das nossas comunidades cristãs. Estas devem ser porto de abrigo, onde o encontro com Cristo cura, consola, renova e fortalece. É importante que toda a pastoral esteja orientada para este encontro e que toda a missão da Igreja seja dadora de esperança teológica, no tempo que atravessamos. Convoco todas as comunidades cristãs para a missão. Partir em missão é estar, em primeiro lugar, mergulhado no próprio Cristo; partir em missão é fazer nascer Cristo na relação com o outro, a quem nos dirigimos com aquela caridade que preenche o coração dos cristãos. Devemos aproveitar este tempo para nos encontrarmos com os não-crentes, que estão unidos a nós pelas mesmas inquietações, interrogações e esperanças. Todos precisamos de alguém que nos olhe e acolha com esperança. Partir em missão é viver a certeza de que o Espírito Santo nos precede e suscita o acolhimento da Palavra proclamada, dos sacramentos celebrados e da caridade operosa. Elenco três elementos em que isso pode ser especialmente importante, ou, pelo menos, mais notório:

a. A celebração eucarística: é o «Sagrado Banquete em que se recebe Cristo» e, por isso, onde se realiza a íntima comunhão entre o Céu e a Terra. O canto do «Santo» e a Oração Eucarística recordam que, na Missa, não estão presentes apenas os que ali se encontram, mas Aquele que Se torna presente no altar e que une o Céu à Terra. É importante sublinhar este valor transcendente da celebração eucarística, para que seja sempre celebração do mistério de Cristo, que dá a sua vida por nós;

b. O sacramento da Reconciliação: várias vezes o Papa Francisco tem apelado para que se deixe de ver este sacramento como uma ida «à lavandaria», mas que ele seja vivido como um processo médico, em que as feridas são tratadas e as doenças curadas. Por isso, este sacramento, que tem sempre uma dimensão de passado, abre-se à esperança de uma vida mais próxima de Deus e segundo a Sua vontade. Peço que se sublinhe esta abertura a Deus, para que se desenvolva cada vez mais a vida teológica entre os cristãos. Com efeito, «a reconciliação sacramental não é apenas uma estupenda oportunidade espiritual, mas representa um passo decisivo, essencial e indispensável no caminho de fé de cada um. Ali permitimos ao Senhor que destrua os nossos pecados, sare o nosso coração, nos levante e abraça, nos faça conhecer o seu rosto terno e compassivo»²⁵.

c. As celebrações exequiais: em muitos locais, estas continuam a ser momentos que congregam muitas pessoas. Deve-se evitar que sejam celebrações imanentistas, em que só se atende à realidade material e presente. São momentos de anúncio da esperança cristã, de repropor o âmago do anúncio cristão, de anunciar a Ressurreição do Senhor. Deve-se fazer ressoar o anúncio alegre da vitória de Cristo sobre a morte. O acompanhamento das famílias e dos amigos do defunto é, sempre, uma oportunidade de mostrar a Igreja, próxima e amável, que escuta as preocupações, os sofrimentos e os anseios das pessoas e mostra o caminho da fé cristã como percurso de vida eterna.

25. Um quarto lugar de esperança é a própria vida quotidiana. Há uma expressão temporal da esperança cristã, marcada pelo dom da paciência: mesmo que, no ser humano, a fé tenha um sentido difuso, em determinado momento é levado a reconhecer que necessita de Deus. No entanto, a esperança implica acreditar sempre e confiar o futuro a Deus. Deste modo, a esperança estimula a fé e fá-la crescer. Importa ativar

²³ João Paulo II, Carta Apostólica *Rosarium Virginis Mariae*, n.º 41.

²⁴ Bento XVI, Encíclica *Deus caritas est*, n.º 1.

²⁵ Papa Francisco, Bula *Spes non confundit*, n.º 23.

o sentido da esperança nos acontecimentos do dia a dia – seja na saúde ou na doença, nas alegrias e nas tristezas –, de forma que desejemos «o Reino dos céus e a vida eterna como nossa felicidade, pondo toda a nossa confiança nas promessas de Cristo e apoiando-nos, não nas nossas forças, mas no socorro da graça do Espírito Santo»²⁶. Isto deve ser uma missão que incumbe a todos os cristãos: da família aos locais de trabalho, da escola à universidade, nos momentos marcantes e nos compromissos mais corriqueiros do dia a dia. Em todos os momentos os cristãos são chamados a testemunhar esta certeza de que não só não estão sozinhos, como sabem que quer o presente, quer o futuro estão nas mãos de Deus.

Conclusão

26. Se a esperança Se fez carne, então, podemos dirigirmo-nos com confiança à Virgem Maria, pedindo que nos dê esperança. Nas suas entranhas concebeu a carne do Filho de Deus e acompanhou-O em toda a sua vida. Quando Jesus disse ao discípulo: «Eis a tua mãe» (Jo 19,27), estava também a dizer-lhe: «Eis a tua mãe da esperança.» Em Maria, o povo crente encontra o refúgio que conduz a Deus e, por isso, pode invocá-la como «Estrela da esperança»²⁷. A ela confio este ano jubilar e todos os trabalhos que se vão desenvolver, pedindo à Mãe da Esperança que interceda por todos nós e nos

ajude a viver para Deus, a seguir as pegadas de Cristo, a vivermos plenamente como templos do Espírito Santo, como ela própria viveu e nos ensina a todos a viver.

27. Finalmente, trazemos, ainda, no coração as palavras que o Papa Francisco dirigiu à Igreja em Portugal: «Este é o tempo da graça que o Senhor nos concede para nos aventurarmos no mar da evangelização e da missão.»²⁸ Este ano jubilar é o tempo propício para, verdadeiramente, nos lançarmos em caminho sinodal que nos leva para a missão, dando a razão da nossa esperança, não só de um ponto de vista racional, mas com toda a vida e com todo o empenho. É tempo de recobrar toda a paixão do apostolado, levando todos, todos, todos ao encontro com Cristo. Desejo um santo e feliz ano jubilar, na comunhão e na participação e, como corolário de ambas, na missão. Assim Deus nos ajude e Nossa Senhora por todos interceda.

Deus abençoe todos os diocesanos de Lisboa.

São Vicente de Fora, I Domingo do Advento, 1 de dezembro de 2024

† RUI, Patriarca de Lisboa

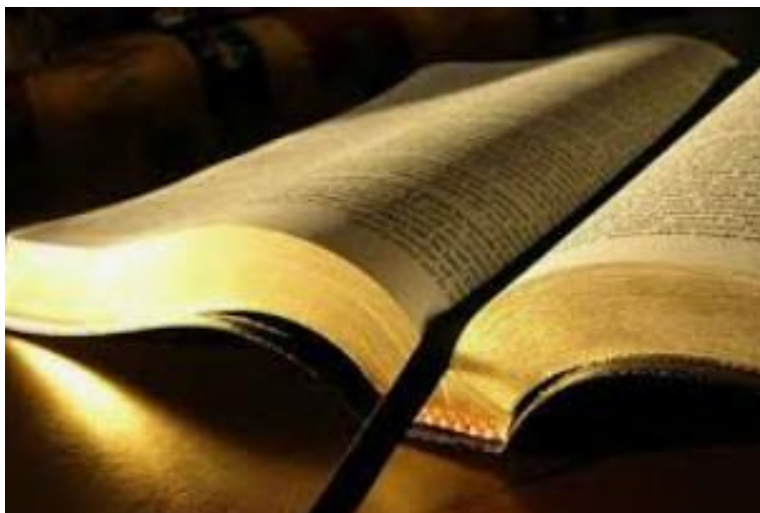
Fonte: [Patriarcado de Lisboa](#)

²⁶ *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 1817.

²⁷ Cf. Bento XVI, *Spe Salvi*, n.º 49.

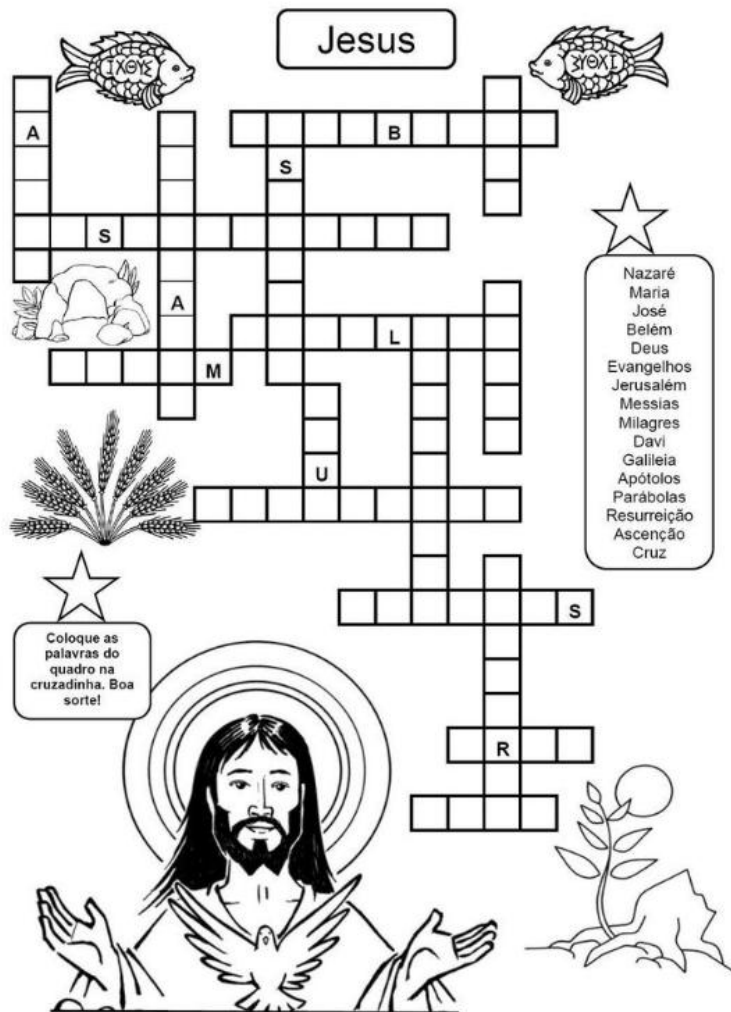
²⁸ Papa Francisco, *Homília de Vésperas*, 2 de agosto de 2023.

LEITURAS DOMINICAIS DO MÊS DE MARÇO – ANO C:



8º Domingo do Tempo Comum 2 março	1º Domingo da Quaresma 9 março	2º Domingo da Quaresma 16 março	3º Domingo da Quaresma 23 março	4º Domingo da Quaresma 30 março
Solenidade Santa Inês de Praga	Festa Santa Francisca Romana	Santo do dia São Julião	Santo do dia São Turíbio de Mogrovejo DIA DA CÁRITAS	Santo do dia São João Clímaco
Leituras - Sir 27, 5-8; - Sl 91 (92), 2-3.13-14.15-16; - 1Cor 15, 54-58	Leituras - Dt 26, 4-10; - Sl 90 (91), 1-2.10-15; - Rm 10, 8-13.	Leituras - Gn 15,5-12.17-18; - Sl 26,1.7-9,13-14; - Flp 3, 20_4, 1	Leituras - Ex 3, 1-8a.13-15; - Sl 102 (103), 1-4.6-8.11; - 1Cor 10, 1-6.10-12.	Leituras - Js 5, 9a.10-12; - Sl 33 (34), 2-3.4-5.6-7; - 2Cor 5, 17-21.
EVANGELHO Lc 6, 39-45 «A boca fala do que transborda do coração»	EVANGELHO Lc 4, 1-13 «Esteve no deserto, conduzido pelo Espírito, e foi tentado»	EVANGELHO Lc 9, 28b-36 «Enquanto orava, alterou-se o aspeto do seu rosto»	EVANGELHO Lc 13, 1-9 «Se não vos arrependerdes, morrereis do mesmo modo»	EVANGELHO Lc 15, 1-3.11-32 «Este teu irmão estava morto e voltou à vida»

O CANTINHO DAS CRIANÇAS



Sintoniza-te e partilha connosco:

<https://www.paroquiapenhafranca.com>



Facebook: [Paróquia Nossa Senhora da Penha de França](#)



Instagram: [ppenhafranca](#)



Youtube: [Paroquia Nossa Senhora da Penha de França](#)



E-mail: paroquianspenhafranca@gmail.com



Whatsapp: <https://chat.whatsapp.com/Dx2fGHC8AfMKaJPey0l27Z>